DEPARTAMENTO MUNICIPAL DE CULTURA
MUSEU FREI GALVÃO - ARQUIVO MEMÓRIA DE GUARATINGUETÁ
CENTRO SOCIAL DE GUARATINGUETÁ

A PRESENÇA DO NEGRO NA CULTURA GUARATINGUETAENSE

José Luiz Pasin

Quando Martim Afonso iniciou a colonização do litoral brasileiro, fundando as vilas de São Vicente e Santo André da Borda do Campo e implantando as raízes da empresa açucareira no Brasil, os índios começaram a ser escravizados pelos primeiros povoadores, sendo obrigados a cultivar a terra e a fabricar o açúcar nos engenhos primitivos. A divisão do Brasil em capitanias hereditárias, a fundação de novas vilas e o aumento contínuo dos canaviais e engenhos, forçaram os portugueses a submeter com rigor os grupos indígenas que habitavam o litoral, provocando guerras e a fuga das tribos para o sertão, esgotadas as possibilidades de usar o índio como escravo, os senhores de engenho, financiados pelos holandeses, começaram a trazer negros do litoral atlântico da África para as lavouras e outros serviços. Durante séculos, milhões de africanos foram aprisionados e trazidos para o Brasil, tendo sua cultura e soberania, aniquiladas pelo rigor do sistema escravocrata. Duas grandes culturas africanas foram transladadas para o Brasil: bantos e sudaneses. Os bantos (angolas, congos, cabindas, moçambiques, anigos, macuas) procedentes de Angola, Moçambique, Guiné, Congo e de outras regiões centro-africanas, eram agricultores e criadores de gado, esparramando se pelo Vale do Paraíba, Minas Gerais e



Rio de Janeiro. Os sudaneses (haussás, nagôs, iorubás, geges, fulas, minas) procedentes do norte da África, em contato com os árabes, eram hábeis metalúrgicos, ferreiros, tecelões, escultores, dedicando-se à atividade pastoril, ocupando as regiões da Bahia, Pernambuco, Alagoas, Maranhão. Desligados de seu continente, privados da liberdade, anulados em suas manifestações culturais, os negros no Brasil, perderam parte de seus valores culturais, submetendo-se à presença portuguesa e tendo que adaptar-se (embora se revoltassem) à realidade dos engenhos e fazendas e das vilas e cidades. Portadores de elementos culturais profundamente enraizados, os negros no Brasil, condicionaram e influenciaram a formação social e cultural do povo brasileiro. O escravo africano no Brasil foi desbravador, colonizador, soldado. Lavrou a terra, plantou e colheu o açúcar, o café, o cacau, o algodão. Comboiou tropas, guiou carros de boi, abriu caminhos, penetrou o sertão. Foi arquiteto, pedreiro, construtor, músico, compositor, poeta, pintor, escultor, entalhador, ourives, prateiro, santeiro. Companheiro, irmão, pai, amante e vítima do senhor branco. A mucama amamentou, embalou, adormeceu, foi confidente, amante e elemento formador da família brasileira. A preta velha contou estórias, chorou e gemeu na cozinha, no salão e na senzala. Foi quituteira, doceira, curandeira . Esmagado pela escravidão o negro não perdeu suas raízes africanas.Na língua, na comida, na dança, nas festas religiosas, no sincretismo, na música, nos mitos e crendices, a presença africana transcende a própria formação do brasil. Em Guaratinguetá e no Vale do Paraíba a presença africana é assinalada a partir da segunda metade do século XVIII, com a decadência do ciclo minerador e o início da monocultura canavieira. Em 1757, encontramos em Guaratinguetá, a Irmandade de São Benedito dos Homens Pretos, estabelecida na Capela de São Gonçalo(hoje, Igreja de São Benedito). Igualmente no início do século passado, já havia a Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, localizada no Largo do Rosário (atual Praça Conselheiro Rodrigues Al-

ves). A presença africana em Guaratinguetá se faz sentir nas palavras faladas: bamba, banguela, bodoque, bodum, bunda, caçimba, cachaça , cafundó, caçula, cacunda, camundongo, capanga, catinga, capenga, cochilo, corcunda, dengoso, fubá, mandinga, mocotó, mocorongo, moleque, muamba, mulambo, muxoxo, quitute, quilombo, quindim, sunga, sururu, tanga. No linguajar infantil: au-au, bumbum, cacá, dandá, mimi, nenem,papá, papato, pipi, tatá, tentem, xixi. Nos produtos agrícolas: inhame, quiabo, mangarito, jiló. Na comida: angu, cuscuz, farofa, quibebe, tutu, paçoca, cocada, pé-de-moleque, furrundum. Nos utensílios de cozinha: pilão, colher-de-pau, gamelas. São de origem africana em Guaratinguetá e no Vale do Paraíba, as danças: congada, moçambique, jongo. Os instrumentos musicais: atabaque, caxambu (tambor), cuíca, ganzá, puíta. Nos usos e costumes: cantigas de ninar, figas, tetéias e patuás, colares de búzios e missangas. Mitos e crendices: bicho-papão , cuca, tutú-marambá. No sincretismo religioso: os terreiros de umbanda e quimbanda, os pretos velhos, as rezas e benzeduras, os despachos,os feitiços, as plantas medicinais e fetichistas (arruda, guiné, mamona) A manifestação africana mais tradicional em Guaratinguetá e no Vale do Paraíba é a Festa de São Benedito, com suas danças, congadas, procissões, distribuição de doces, côrte do Rei e da Rainha, cavalaria, indumentária e os "irmãos" com suas opas e caixas, desfilando pelas ruas e praças, pedindo esmolas para o santo e saudando a festa, numa manifestação de fé e religiosidade, relembrando dias e tempos do cativeiro. Também na música erudita e popular em Guaratinguetá, encontramos a presença do negro e do mulato, nas bandas, nas missas, novenas e trezenas, nos dobrados e valsas, nas serestas, na flauta e nos violões.

1985

ANO NACIONAL DA CULTURA

ANO INTERNACIONAL DA JUVENTUDE